

## JUVENTUDE FEMININA: A NOVA GERAÇÃO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA DO PARÁ E SUA PEDAGOGIA DECOLONIAL

Oberdan da Silva Medeiros<sup>1</sup>  
Iglese Maria de Souza Miranda<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto traz resultados de uma pesquisa que investigou a formação de lideranças femininas quilombolas no município de Mocajuba, estado do Pará, Brasil. O foco foi a trajetória de vida de Marcele Nunes Cabral, líder da Comunidade Quilombola de Vizânia. Para analisar a construção dessa liderança, consideramos seu contexto histórico e educacional, assim como suas lutas e resistências. A metodologia utilizada foi a história oral. Nos embasamos na teoria decolonial e na afrodescendência, com autores como BHABHA (2010), ESCOBAR (2005), HALL (2006), CUNHA JÚNIOR (2005), PEREIRA (2007), que contribuíram para uma reflexão sobre uma Pedagogia Decolonial. Os resultados mostram que a formação da liderança feminina quilombola na Comunidade Quilombola de Vizânia envolve processos culturais e políticos, marcada por conflitos e pela luta contra o racismo e a negação da afrodescendência na região Amazônica, especificamente, às margens do rio Tocantins, onde ocorrem práticas de resistência identitária. As ações decorrentes desse processo possuem uma dimensão pedagógica, promovendo uma educação antirracista e valorizando a identidade e cultura negra como fundamentos de uma Pedagogia Decolonial.

**Palavras-chave:** Liderança quilombola. Comunidade Quilombola. Afrodescendência. Pedagogia Decolonial.

### FEMALE YOUTH: THE NEW GENERATION OF THE QUILOMBOLA MOVEMENT IN PARÁ AND ITS DECOLONIAL PEDAGOGY

#### ABSTRACT

This text presents the results of a study that investigated the formation of female quilombola leaders in the municipality of Mocajuba, state of Pará, Brazil. The focus was on the life trajectory of Marcele Nunes Cabral, leader of the Quilombola Community of Vizânia. To analyze the construction of this leadership, we considered her historical and educational context, as well as her struggles and resistance. The methodology used was oral history. We based our theory on decolonial theory and Afro-descendants, with authors such as BHABHA (2010), ESCOBAR (2005), HALL (2006), CUNHA JÚNIOR (2005), PEREIRA (2007), who contributed to a reflection on Decolonial Pedagogy. The results show that the formation of female quilombola leadership in the Quilombola Community of Vizânia involves cultural and political processes, marked by conflicts and the fight against racism and the denial of Afro-descendants in the Amazon region, specifically on the banks of the Tocantins River, where identity resistance practices occur. The actions resulting from this process have a pedagogical dimension, promoting anti-racist education and valuing black identity and culture as foundations of a Decolonial Pedagogy.

**Keywords:** Quilombola leadership. Quilombola community. Afro-descendants. Decolonial pedagogy.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais, possui Mestrado Acadêmico em Educação e Cultura pelo PPGEDUC/UFPA. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) e cursa doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPA. E-mail: oberdanazul@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduada em Administração, acadêmica no curso de Especialização em Práticas Afro-brasileiras e Indígenas na Amazônia no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará.

**Data de submissão:** 05.10.24

**Data de aprovação:** 10.12.24

## INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto da análise do processo de constituição de uma liderança quilombola feminina em meio a fatores educativos na comunidade quilombola de Vizânia, no município de Mocajuba, estado do Pará, Brasil, terra de um povo que, como toda a população negra, herda a condição humana de descendente de negros, escravizados no processo de colonização.

A microregião do Baixo Tocantins é uma área de fronteira entre Amazônia Central e Oriental, Nordeste do Pará e Lago da Hidrelétrica de Tucuruí, onde se localiza o município de Mocajuba é composta também pelos municípios de Abaetetuba, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Baião e Oeiras do Pará. Do ponto de vista econômico, a região está no planejamento do governo federal para a área do transporte e geração de energia, o que tem gerado muitos impactos sociais e ambientais que impactam as populações locais (COSTA, 2006, p.21).

De acordo com a memória local, a comunidade de Vizânia nasce da agregação de populares da região que se organizam em torno da festividade de Santíssima Trindade, onde se organizou a comunidade. A denominação Vizânia se deve à presença de um braço do rio de mesmo nome. Com o crescimento da população local, esta localidade se tornou Vila de Vizânia, onde hoje a maioria de suas famílias autodeclararam-se negras e convivem com outros indivíduos não remanescentes quilombolas.

A religiosidade católica vem inspirando a formação de coletivos de luta, com destaque para o protagonismo do grupo de mulheres. O seu principal propósito é preservar e disseminar os seus conhecimentos e práticas relacionados à medicina tradicional, política comunitária e à culinária típica, passados de geração em geração entre mulheres e homens da comunidade.

A organização do coletivo a que observamos nos faz lembrar do que Hall (2006) entende como formação da identidade coletiva na contemporaneidade: “a especificidade de um grupo ou comunidade não pode ser afirmada de maneira absoluta, sem levar em conta o contexto mais amplo de todos os ‘outros’ em relação aos quais a ‘particularidade’ ganha um valor relativo” (HALL, 2006, p. 81). Para as mulheres de Vizânia, a comunidade é formada por um conjunto que se relaciona com saberes ligados à tradição, onde as noções binárias (interno/externo; local/global; particular/universal) não são desenvolvidas como algo rígido e de mão única, mas sim como um processo híbrido. Marcele Nunes Cabral, que faz parte do grupo de mulheres, também é co-fundadora/diretora da Associação desde 1999, e professora ligada à secretaria municipal de educação. Conforme Hall (2006), nessas comunidades:

Alguns indivíduos permanecem profundamente comprometidos com as práticas e valores tradicionais [...]. Para outros, as chamadas identificações tradicionais têm sido intensificadas (por exemplo, pela hostilidade da comunidade hospedeira, pelo racismo ou pelas mudanças nas condições de vida mundiais). Para outros ainda, a hibridização está muito avançada – mas quase nunca num sentido assimilacionista. Esse é um quadro radicalmente deslocado e mais complexo da cultura e da comunidade do que aqueles inscritos na literatura convencional. O hibridismo marca o lugar dessa incomensurabilidade (HALL, 2006, p. 72).

A partir deste prisma, podemos perceber que o movimento diaspórico obriga as pessoas a adotar posições identitárias deslocadas, que são múltiplas e hifenizadas. O perfil da liderança em destaque nos leva a perceber, em suas ações, o pertencimento a um grupo diaspórico, uma vez que transita por ambientes de sujeitos remanescentes das comunidades afrobrasileiras, sua luta contra o racismo, o preconceito, a discriminação racial, o racismo

institucional e o compartilhamento de saberes tradicionais.

Luiza Bairros (1995) afirma, pelo olhar feminista, que não existe uma identidade única e que, devido à experiência de ser mulher, isto se dá social e historicamente de forma determinada. É necessário considerar que essa definição nos ajuda a entender que, aqui, ocorre um tipo determinado de feminismo, permitindo-nos pensar essas mulheres organizadas como parte dos movimentos negros e de mulheres negras no Brasileiras. Essa autora nos ajuda a entender que há aqui a uma expressão de uma forma de experiência do ser negro pela via do gênero e de ser mulher pela via da raça/cor, o que não desvincula as dimensões sexismo e racismo do foco das prioridades dos movimentos de mulheres negras. Uma subsiste das outras.

Este estudo apresenta um recorte que retrata a dinâmica de vida da comunidade quilombola, seu cotidiano e processos educativos, dando destaque à influência destes fatores na constituição de suas lideranças e suas práticas de resistência como fator educativo na Comunidade de Vizânia, Mocajuba-Pará, Brasil. Enfatizamos a figura de Marcele Nunes Cabral, que representa a trajetória de vida de várias outras mulheres negras, líderes por natureza em suas comunidades. Consideramos os processos educativos, culturais, históricos e sociais do cotidiano da comunidade, que nos ajudam a entender o recorte da categoria de sujeitos quilombolas que lutam por direitos negligenciados pela história brasileira.

De acordo com Crenshaw (2002), a condição humana das mulheres negras no Brasil e no mundo é utilizada como instrumento para a manutenção da hierarquização social gerada pela mentalidade colonial, consequência da escravização dos negros e da posterior alocação dessa categoria na base da pirâmide social. De forma específica, ao colocarmos as mulheres na posição de sujeitos de análise, observamos que, devido aos seus traços de raça/cor e gênero, lhes são atribuídos os piores índices. Os critérios de raça, gênero e classe explicam a manutenção das desigualdades às quais as mulheres negras estão submetidas; a educação e o mercado de trabalho são os melhores exemplos desse fato.

O que há de relevante neste estudo é a possibilidade de reflexão e diálogo a partir da narrativa de uma mulher quilombola, analisando seus processos de formação como liderança, com trabalhos dedicados às relações étnico-raciais na área da educação, os desafios e as perspectivas reais abordadas, num movimento de busca por liberdade, justiça, combate ao racismo e reconhecimento da cultura negra, além de influenciar na valorização de seus processos educativos. A exclusão sistemática desses sujeitos ao longo da história e a falta de acesso às políticas públicas que os contemplem como cidadãos de direitos apontam para a necessidade de reverter a percepção racista que os coloca como culturalmente atrasados e detentores de uma identidade cultural degradante.

## **1 PERCURSO METODOLÓGICO**

Os dados aqui apresentados e analisados foram levantados mediante pesquisa de campo através de uma entrevista realizada no ano de 2024. A pesquisa em questão é o momento em que estruturei o trabalho de conclusão de curso da Especialização em Saberes e Práticas Afro-brasileiras e Indígenas na Amazônia o que me proporcionou uma aproximação e vivência com as lideranças da comunidade da Associação Remanescente de Quilombo de Vizânia, no município de Mocajuba-PA. Portanto, dialogamos, neste artigo, a narrativa resultante da entrevista que realizamos com Marcele Nunes Cabral, diretora da associação quilombola local e membro do Grupo Açucenas, mulher de participação ativa desde sua inserção no movimento social, sendo fundadora da associação e do referido grupo de mulheres.

A escrita apresenta, de forma descritiva e analítica, nossa compreensão do objeto

apresentado, ancorada na concepção da decolonialidade<sup>3</sup> de análise, o que coloca em evidência a transição do status colonial para o nacional dando destaque às suas consequências. A partir da atuação performática de grupos sociais distintos, buscamos ainda a articulação com uma abordagem de natureza qualitativa. Sobretudo, valorizamos história e cultura do lugar, onde o núcleo é cultura de matriz africana e a sucessão de gerações alicerçadas em grupos ancestrais (Cunha Júnior, 2005).

É perceptível que buscamos articular nossas ideias a partir de um prisma interpretativo nas análises dos documentos e narrativas. Procuramos levantar e discutir, por meio de questionamentos, as enunciações das histórias de vida, o processo de constituição da liderança, suas práticas de resistência e lutas comunitárias, que, a nosso ver, são fatores educativos que nos ajudam a compreender as consequências destas práticas no trato das questões étnico-raciais, bem como o papel dessas práticas educativas e suas influências na trajetória dessa parcela da população.

Buscamos dialogar com a abordagem da afrodescendência<sup>4</sup>, o que exige do pesquisador negro, sendo partícipe da comunidade negra, a compreensão da situação, dos valores sociais e das formas culturais da comunidade afrodescendente. Neste sentido, faz-se necessário reconhecer o pensamento de base africana como elemento importante para a compreensão da sociedade brasileira buscando uma perspectiva dialógica e analítica que identifique os sujeitos que promovem uma nova perspectiva nacional (CUNHA JÚNIOR, 2005).

Um teórico que serve de base para esta abordagem, que com suas categorias analíticas, nos auxilia na compreensão das relações étnico-raciais existentes no quilombo de Vizânia, é Fanon (1979). Amparados neste teórico, podemos perceber que o ambiente de conflito racial é conectado a artificios de controle característicos do poder colonial, que se perpetua e nega aos negros sua existência. Devemos considerar também os atravessamentos discursivos que se reproduzem, alterando as relações interculturais que impactam nas subjetividades, identidades, culturas e modos de resistência dos sujeitos negros.

Nossos encaminhamentos da problemática da educação para as relações étnico-raciais no Brasil visam sempre o debate da garantia à igualdade racial e o reconhecimento da diferença como valor social. Vislumbramos a necessidade de uma discussão assentada em uma reflexão guiada por uma consciência coletiva dessa população sobre sua condição humana, seus tempos, espaços e resistência.

## **2 LIDERANÇA QUILOMBOLA E O “LUGAR” COMO TERRITÓRIO IDENTITÁRIO**

Por liderança quilombola, podemos entender a condição da pessoa negra constituída no processo coletivo de resistência ao processo colonial e aos seus poderes instituídos, por vias do trabalho para a reprodução da vida, pela busca de melhores condições de vida, segurança alimentar, moradia, educação, sonhos, convivência familiar, pela posse da terra e pelo pleno exercício da cidadania. A liderança quilombola se constitui através de infinitos

---

<sup>3</sup> Em Santos (2002) o entendimento do processo de decolonialidade se dá a partir de “um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial como foi escrita pelo colonizador, e tenta substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2002, p. 13). Então podemos entender que para que se tenham práticas educativas decoloniais é necessário o mínimo de liberdade desde o existir, perpassando pela forma de pensar, as vivências, o credo, o mundo das idéias, os fatores culturais, as formas de linguagem e saberes como um todo gerando um movimento de transgressão à proposta de pensamento único eurocentrado.

<sup>4</sup> Este conceito encontra-se fundamentado em trabalhos de autores como Cunha Jr. (1987 1998); Banton (2000), Gonçalves e Silva (1994, 1999), sendo que a afrodescendência se configura num enfoque político-cultural, construído na relação histórica da ascendência africana diversa, marcada pela trajetória de luta e exploração no escravismo e racismo (CUNHA JR., 1996, 1998; SODRÉ, 1983, 1999).

significados forjados por experiências práticas desses sujeitos, seus pensamentos e fazeres diários, tendo como pano de fundo as relações de conflito com o Poder Público; a mobilização que gira em torno da organização das festas; a articulação dos encontros comunitários; a instituição do diálogo com várias esferas de poder; e as conquistas que os fazem lideranças coletivas.

Não perdemos de vista as dimensões das crenças, posturas, valores, ações, práticas e atitudes constituintes do sujeito/liderança negra do quilombo de Vizânia. A formação dessas lideranças ocorre a partir da complexidade e das multireferencialidades que perpassam esses sujeitos, seus percursos formativos, lutas, sonhos e perspectivas coletivas historicamente invisibilizadas. A liderança comunitária aqui é o “outro” da alteridade ao qual associamos, que constitui o fazer/ser negro.

Retornando à afrodescendência, de acordo com Cunha Júnior (2005), podemos notar que as lideranças são constituídas através de elementos vinculados à etnicidade negra, tais como a cor da pele, o fenótipo, passado histórico, ancestralidade africana, tradições religiosas e seus modos de gerir a vida comunitária, a partilha/comunhão da vida e a busca por dignidade. O que se percebe afluído na liderança são reflexos das trajetórias de vida, suas subjetividades arquitetadas no fluxo das lutas e das condições de vida revertidas em saberes e concepções sobre o que é ser liderança quilombola.

Para nossa percepção, o sujeito/liderança é constituído pela construção do sujeito nos encontros e desencontros entre suas crenças do que é direito e a ausência de políticas públicas, que são o resultado de sentimentos a respeito do que pode e deve ser respeitado e reconhecido. Ocorre a formação de uma identidade construída na batalha pela vida, buscando justiça e direitos estruturados pela luta histórica do povo negro e na trama da vida cotidiana, em que o lugar para o qual foi destinado lhe impõe.

No processo de constituição das lideranças quilombolas na comunidade de Vizânia, quando se observa a figura de Marcele Nunes Cabral, nota-se que sua formação conta com a contribuição de diversas passagens por ambientes sociais, os quais contribuíram para sua formação, como a família, a associação quilombola, o grupo de mulheres e a escola. A escola é uma instituição importante na constituição da liderança, de certo modo, influencia para uma espécie de refinamento do saber adquirido ao longo da vida: a noção de gestão, a detenção de direitos e a vida cidadã. A formação escolar é percebida como algo muito importante, constituindo-se como um atributo elementar na formação das lideranças, haja vista que muitos sujeitos dessas localidades, durante muito tempo, não tiveram acesso à educação escolar, ou, quando tiveram, foi apenas uma parte desta formação.

É perceptível que a educação escolar, quando ausente, gera invisibilidade nos sujeitos, invisibilidade cultivada institucionalmente. De acordo com Santos (2005), no contexto do extrato social, é fomentada uma ideologia que coloca na conta da baixa formação ou pouca qualidade da educação escolar, imputando questões históricas e/ou às questões econômicas para o apagamento do corpo negro feminino,

As instituições são estruturas que estabelecem padrões, papéis e modos de relação entre os indivíduos, são convencionadas e aceitas por “todos” e, por isso, de certo modo, são responsáveis por transmitir e por garantir que os indivíduos conheçam e reproduzam as normas sociais. Família, escolas, universidades, igrejas, o próprio Estado, partidos políticos, no vocabulário sociológico corriqueiro, são os exemplos mais comuns e sempre citados de instituições (SANTOS, 2005, p. 154).

No depoimento da Marcele Nunes Cabral, podemos observar que a sua relação com o lugar se fortalece, especialmente, pelas experiências de solidariedade que ela vive em Vizânia. Ao falar da sua relação com o lugar:

Minha relação com o Quilombo Vizânia é de orgulho e respeito pela história e

memória das primeiras famílias negras que chegaram aqui e que precisaram criar laços com este lugar. O quilombo teve origem em torno da devoção a um santo padroeiro (Santíssima Trindade dos Inocentes) que deu origem ao povoado que atualmente é titulado como quilombo. Fui nascida e criada aqui e participei e participo de todos os movimentos religiosos, culturais e sociais que envolvem a vida cotidiana de um quilombo. Minha existência está entrelaçada as atividades da pesca, produção de açaí, cacau, das plantas medicinais, criação de animais domésticos, no respeito ao território, a natureza e aos semelhantes, fortalecida pela cultura do nosso quilombo com a religiosidade, apresentação de danças, carnaval de mascarados. Minha relação com o território, com a cultura e com aqueles que vieram antes de mim é sobretudo de gratidão, respeito e orgulho de minha história (Entrevistado, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

No depoimento acima, a entrevistada garante que a política partidária é muito incisiva na comunidade, a ponto de prejudicar, em certos aspectos, a convivência. Entretanto, de maneira geral, na comunidade de Vizânia, prevalecem as relações de sociabilidades pautadas no respeito ao outro e à diferença.

O lugar é como parte das pessoas, é dimensão inseparável delas. Não é possível vê-las fora do lugar, pois elas imprimem ao lugar, significados que dão sentidos à vida, como o plantar, construir a casa, cuidar da higiene do corpo, preparar os alimentos, do lazer, etc. Portanto, isso constitui aspectos da identidade das lideranças que, por sua vez, colocam como pauta principal de reivindicação o reconhecimento da terra mediante a titulação.

## 2.1 DIMENSÕES HUMANAS E MATERIAIS NA CONSTITUIÇÃO DAS LIDERANÇAS

No que tange às bandeiras de luta da comunidade quilombola, devemos levar em conta a anterioridade deste processo, que é o imaginário de uma África menosprezada no que diz respeito a ser o berço da humanidade e a “mãe” de civilizações que influenciaram culturas ao redor de todo o mundo. Reconhecer os aspectos positivos da África, culturais e históricos, assim como os feitos de sua descendência, é dar visibilidade a várias histórias de lutas, ao combate às desigualdades e aos processos de subalternização aos quais esses povos foram e são submetidos, um combate que ainda está em curso. As desigualdades às quais nos referimos se acentuam a partir da captura da população negra em seu território e a posterior e sistemática disseminação de impressões negativas a respeito desses indivíduos.

Sobre a origem de Marcele Nunes Cabral, quando perguntado a respeito dos seus antepassados e origem familiar, ela se reporta ao momento da pós-fundação da comunidade de Vizânia:

[De onde viveram seus avós? Eles sempre viveram na Vizânia?] Meus avós paternos tem origem distintas pois meu avô era um grande comerciante, branco, cacaualista, seringalista, tinha várias posses, família influente, comprava a produção das famílias inclusive da família de minha avó que era de família humilde e ribeirinha, morava em uma ilha em frente ao meu quilombo mas todos participavam dos movimentos que aconteciam no quilombo Vizânia.

[qual origem dos seus avós maternos?] Já meus avós maternos tem ligação direta com as primeiras famílias de negros que chegaram aqui, meu avô negro, que tinham a base da sobrevivência familiar na pesca (o quilombo Vizânia localiza-se a beira do rio Vizeu), na produção de açaí, borracha e cacau, possuía um pequeno roçado onde produziam a mandioca somente para o consumo da família. Minha avó era descendente de uma família indígena, gostava de trabalhar com a terra, livre na natureza e usava adereços como pulseiras, brincos... (Entrevistado, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

A desigualdade referida acima é fruto de uma desigualdade moral<sup>5</sup> produzida pela

<sup>5</sup> Do sentido político em Rousseau.

Europa no processo de colonização, porque detinha poder para tal. Para Dussel (2000), a modernidade tem seu ponto de partida na Europa, de onde se propagou diversas formas de desigualdades. Nesse momento, percebia-se o fortalecimento de seus princípios à custa da opressão dos que eram julgados inferiores. As consequências disso são bastante presentes na contemporaneidade, porém, tais grupos excluídos tornaram este processo em uma fonte de luta por uma sociedade mais igualitária. Na memória a respeito dos seus ascendentes, os sujeitos da pesquisa dificilmente remetem suas lembranças do mundo produtivo a condições humanas menos degradantes, como segue abaixo:

[onde nasceram e cresceram seus pais?] Da união dos meus avós nasceram meus pais, ambos criados e ensinados nos costumes e cultura do quilombo, praticando as mesmas manifestações religiosas, sociais e culturais desse local, com o compromisso de passar os ensinamentos de nossos antepassados para os filhos que nasceriam mais tarde, ou seja, preservando, cuidando e respeitando aquilo que é nosso, tendo gratidão por todos os ensinamentos deixados por aqueles que nós antecederam (Entrevistado, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

[e a relação entre a comunidade de Vizânia e o município de Mocajuba?] A relação entre o Quilombo Vizânia e a sede do município Mocajuba é de parceria e reciprocidade pois vendemos o excedente da nossa produção ( peixe, açaí,cacau, camarão, frutas nativas, plantas medicinais) na cidade e a cidade por sua vez nos oferece os outros produtos próprios para alimentação, consumo, remédios, serviço de agências bancárias, delegacia, fórum, lotérica,etc... (Entrevistado, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

[e os seus irmãos?] Tenho 9 irmãos onde 4 são professoras e os outros trabalham na pesca e no cultivo da terra seguindo os mesmos ensinamentos repassados por nossos pais (Entrevistado, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

O posicionamento desta liderança no que se trata da sua organização, no que se trata daquilo que a orienta, estabelece elos com elementos que dispõem dos requisitos de relação afetiva e de admissão do coletivo nos grupamentos aos quais ela faz parte.

Ser liderança quilombola é algo de definição complexa. É expressivo nos sujeitos da comunidade que estes se mobilizam e se organizam em torno de seus ideais tendo como instrumento principalmente a associação, forjando identidades territoriais, encarando seus conflitos que vão da luta pela terra em sentido físico ao trabalho pelo sustento diário, ultrapassando a lógica da produção material da vida. Convenhamos que há aqui a combinação da luta pela terra e pela manutenção do modo de vida de quilombola, como segue:

[defina pra mim o que é ser um líder quilombola] Ser um líder quilombola é ter antes de tudo amor por seu quilombo e pela sua história, ser grato aos que vieram antes e trabalhar pelo bem comum de todas as famílias do local, almejando sempre melhorias para a qualidade de vida de todos. É a pessoa que procura através da união aos outros quilombolas buscar alternativas para o bem estar de todos (Entrevistado, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

[além de Mocajuba você já morou em outra cidade?] Sim, saí daqui ainda mocinha pra morar em casa de família para poder seguir meus estudos pois aqui no quilombo, na época a escola só oferecia até a 4<sup>o</sup> série primária então tive que deixar meu quilombo pra continuar meus estudos. Morei em Mocajuba, Belém, Tucuruí (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

[alguma vez você sentiu vontade de fazer algo pela associação antes de ser líder?] Sim, eu sempre tive o desejo de fazer parte da Associação Quilombola pois sabia que ali estava a oportunidade de me juntar aos outros e juntos buscarmos melhorias para o nosso território (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

Entendemos que o vínculo construído com o grupo faz estes indivíduos saírem da esfera particular e integrarem a esfera pública, o que é incentivado pela mobilização e atuação do próprio coletivo. Esta passagem do individual para o coletivo se deve à construção de

subjetividades, a atuação nas ações coletivas, o que podemos depreender de algumas falas é que os sujeitos têm um potencial de contribuir com o coletivo quando cultivam seu potencial de liderança nas manifestações públicas de caráter coletivo no intuito de contribuir para a satisfação de demandas do grupo.

Como podemos perceber, pensar a coletividade no quilombo é dar sentido àquilo que é a tradição, não ao que diz respeito apenas ao passado, mas também ao que está no tempo presente, o coletivo, o político, o social, o econômico, com a diversidade dinâmica da comunidade que é fruto da tradição e do diálogo com a comunidade externa.

É perceptível que os interesses da comunidade dialogam com os dispositivos legais e que o documento acima contempla o anseio por um processo garantido em lei que se concretizava.

[quais são suas expectativas em relação aos jovens?]As minhas expectativas com relação aos jovens e mulheres do nosso quilombo é que todos possam ter oportunidade de estudar ,de prosperar lutando pelos seus direitos, cumprindo com seus deveres, pensando nas melhorias para todas as famílias desse lugar (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

Na fala acima destacam-se valores que denotam um processo de construção da tradição. Compreendendo a importância do sentimento de pertença, podemos facilmente perceber este processo na ação de auto-reconhecimento. Entretanto, ocorrem situações críticas que circundam as ações coletivas, manifestando momentos de conflito, como evidenciamos no depoimento abaixo:

[levando em consideração que a senhora entrou em 2013, a forma que as lideranças antes desse período se manifestavam com relação aos seus sócios interferia no seu posicionamento enquanto associado?] Sim, interferiram com certeza pois a experiência deles na organização da associação me incentivaram a fazer parte desse movimento e também apontaram que através da associação é possível lutar e conseguir melhorias para o quilombo. Também porque tenho muita gratidão e respeito a todos aqueles que vieram antes de mim e os que atuam nos movimentos voltados para a qualidade de vida de todos (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

Para Almeida (2008), os fatores políticos se sobressaem nas comunidades tradicionais pela combinação entre a “política de identidades”, em que o grupo utiliza seus espaços para fazer frente aos seus antagonistas. É o que, na nossa percepção, ocorre no momento da certificação concedida pela Fundação Cultural Palmares. Assim sendo, o uso de conceitos que pluralizam a vivência nestas comunidades, de acordo com Almeida (2008), nos faz-nos compreender que a existência organizativa destas comunidades têm identidade própria e vão de encontro a situações que possam invisibilizar a diversidade ou a diferença cultural nelas presentes.

Ainda segundo Almeida (2008), o controle dos recursos básicos é exercido individualmente ou por um grupo de pequenos produtores diretos e/ou por seus membros. Os territórios quilombolas são constituídos a partir da prática do uso de bens de uso comum como a terra, florestas, rio e equipamentos de trabalho, atitude orientada pela tradição.

[que conquista da comunidade que lhe beneficiaram? Assim que beneficiaram não no sentido de coisa particular, própria, mas que lhe beneficiaram no sentido da senhora perceber que potencializou algo dentro da sua família que contribuiu pra essa vivencia na comunidade, que trazem beneficio, que trazem bem estar?] Minha família já recebeu alguns benefícios que foram conquistados diretamente pela Associação Quilombola como: conquista do título de terra, financiamentos para agricultura e pesca, trabalhos de saúde no quilombo, oferta de níveis escolares superiores a 4º série primária ( que antes era ofertado) oferecimento de cestas

básicas, prioridade na vacina da covid, declaração de pertencimento para acessar a universidade entre outros (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

O reconhecimento do uso tradicional do território é algo de suma importância é reflexo da superação do processo de ‘colonialidade do poder’, que se manifestam na possibilidade de impedir o reconhecimento do processo de territorialização existente e as que se constituem a partir da posse de bens comuns como o a titulação da terra. Esse objetivo no caso da comunidade de Vizânia é o que muito constitui esses sujeitos de forma a gerar uma unificação.

Para Svampa (2005), o território é ambiente aberto para interpretações de realidades e lutas dos mais diversos movimentos sociais, inclusive os de ordem étnica. Para a autora:

“[...] desde fines de los ochenta, el territorio se fue erigiendo en el lugar privilegiado de disputa, a partir de la implementación de las nuevas políticas sociales, de carácter focalizado, diseñadas desde el poder con vistas al control y la contención de la pobreza. Esta dimensión material y simbólica, muchas veces comprendida como auto organización comunitaria, aparece como uno de los rasgos constitutivos de los movimientos sociales en América Latina, tanto de los movimientos campesinos, muchos de ellos de corte étnico, como de los movimientos urbanos, que asocian su lucha a la defensa de la tierra y/o a la satisfacción de las necesidades básicas” (SVAMPA, 2005, p. 6 -7).

Podemos perceber que o território desta comunidade é de uso tradicional, contínuo e marcado pela busca de reconhecimento. Este espaço é ocupado secularmente, e seu projeto assim como suas dinâmicas se estabelecem em um território tradicional, ocupado por uma população atuante que ainda não possui poder real sobre sua posse.

Interpretamos que há o predomínio da concepção da necessidade de reconhecimento de efetivo domínio do que de direito é da comunidade, com base no combate do que oprime esta categoria de pessoas e na aceitação do que os auto-definem. Um fator que merece destaque é a possibilidade de resistir ao processo de europeização, muito bem destacado em Souza (1983), o que é evidenciado na manifestação da fé, nos rituais religiosos e até mesmo no fenótipo. O que salta aos olhos nos discursos, como segue:

[em que momento a senhora ouviu falar de raça, racismo e discriminação racial? E se o senhor acha importante a escola ensinar sobre essas questões.] Ouvi informações sobre esses temas nos encontros e reuniões da associação, na escola raramente ouvi.. Não me lembro... Com relação a escola eu acho importantíssimo a escola abordar esses temas pois nesse espaço de formação estão o futuro do nosso quilombo que são as crianças, precisam conhecer a história de seus antepassados e a suas próprias também (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

Neste sentido, nota-se que se quer romper com uma hierarquia de valor, que é personificada pela depreciação do que é da localidade, como coloca Souza (1993), quando se assemelha ao “branco”/“europeu”.

Percebemos que o anseio da liderança é subjetivo, estendendo-se para o grupo, como atitude. Nas palavras de Marcele Nunes Cabral, observa-se que há “o sacrifício pra ver resultado”. E temos, neste sentido, o anseio por aprendizado, o qual, na fala de Marcele Nunes Cabral, se revela como uma constante:

[e vocês promovem discussões sobre o futuro da associação?] inúmeras vezes promovemos debates sobre a futuro da nossa associação para garantir a permanência e a oportunidade de resistência para o nosso povo, ressaltamos sempre a importância das famílias do quilombo estarem organizadas em associação para acessar as políticas públicas específicas dos territórios quilombolas e batalhar pela melhoria de todos (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

O fragmento destaca a importância da liderança comunitária nos territórios quilombolas, evidenciando o compromisso e o sacrifício pessoal, necessários para gerar resultados concretos que beneficiem o coletivo. A fala de Marcele Nunes Cabral reflete como o anseio de liderança não é um impulso isolado, mas sim uma força que se traduz em atitudes e ações contínuas em prol do desenvolvimento e da resistência de sua comunidade. A ideia de "fazer o sacrifício para ver resultado" revela o quanto o papel de liderança ultrapassa os interesses individuais, exigindo uma dedicação que frequentemente envolve esforços para capacitar e inspirar os membros do grupo, ao mesmo tempo em que promove a coesão necessária para a luta por direitos e melhorias.

Além disso, a fala de Cabral demonstra a importância de discutir estratégias sobre o futuro da associação, reforçando o papel das reuniões e debates como espaços fundamentais para planejar o fortalecimento do território quilombola. Ao promover esses debates, a liderança visa não apenas a sobrevivência da associação, mas também sua capacidade de articulação política para o acesso a políticas públicas específicas, garantindo direitos fundamentais e o progresso da comunidade. Nesse sentido, a associação organizada apresenta-se como um instrumento essencial para a mobilização social e a construção de um futuro em que a resistência e o aprendizado coletivo são pilares para a preservação da cultura e da identidade quilombola.

### **3 A ESCOLA QUILOMBOLA: PRESENÇA-AUSÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DAS LIDERANÇAS**

A formação que constitui as lideranças quilombolas advém de várias situações vividas no decorrer da vida. Escola é elemento importante na vida e na constituição das lideranças, mas o que percebemos com os dados é que as lideranças desenvolveram um saber muito refinado sobre a vida, gestão, direitos a despeito da formação escolar que é importante, mas não se constitui atributo principal na formação deles.

Marcele Nunes Cabral, com muito sacrifício para vencer as barreiras sociais e burocráticas da escola, conseguiu terminar o curso de Pedagogia:

Eu Já enfrentei barreiras por ser mulher negra quilombola, tivemos grandes embates com o poder publico local para conseguir uma turma de educação infantil e elevar os níveis de ensino na escola, tivemos embates para conseguir uma urna eleitoral para votarmos no nosso próprio território, atualmente estamos lutando para conseguir uma coordenação escolar quilombola que atue na Secretaria de Educação do município (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

Na fala acima, observamos uma dificuldade típica de crianças brasileiras negras e pobres para estudar. São dificuldades estruturais da sociedade e das famílias, as quais, em situação de extrema pobreza, não têm condições de mantê-las na escola. Observe que o ciclo de dificuldades é agravado pelas burocracias da instituição escolar, que emperram o processo de inserção da criança devido a não apresentação de documentos. Quer dizer, são as situações de injustiças que constituem essas lideranças.

Marcele Nunes Cabral nos oferece uma dimensão importante para a Educação do Campo, pois, na concepção dela, o fato de a pessoa estudar não significa que ela precisa se afastar da agricultura. Aspecto interessante, uma vez que, geralmente, se associa o estudo a outras possibilidades fora do campo. A consciência política dessa liderança os eleva para um patamar mais crítico em relação à formação acadêmica científica, que realmente deve servir para atender essa diversidade e não somente aos preceitos da sociedade capitalista.

[Você consegue falar sobre a importância da escola no fortalecimento da cultura quilombola? A senhora acha que a escola é importante pra fortalecer essa cultura de

vocês?] Consigo sim! E com muita facilidade pois entendendo a escola como um espaço de formação que pode pautar suas atividades na vivência do quilombo no combate aos racismo, discriminação, valorizando a história do quilombo, as memórias, os costumes, a cultura, a religiosidade sendo assim parceira de luta do quilombo em prol de melhorias para o mesmo e principalmente ajudando a preservar e oferecer os conhecimentos e vivências do quilombo para as futuras gerações! Haja vista que a escola não está num mundo aparte, ela trabalha suas atividades dentro de um quilombo então nada mais propício do que elaborar suas atividades inserindo no seu plano de trabalho toda história do quilombo. A escola no meu ponto de vista poderá ser uma aliada muito importante para o fortalecimento do quilombo pois trabalha diretamente com todas as famílias do lugar, dialoga com professores, alunos, funcionários, pais, lideranças, fato este que indica a importância da parceria escola x quilombo numa relação de respeito a memória do quilombo e luta pelo bem comum de todos. Tomara que possa te ajudar, se precisar melhorar, pode organizar melhor (Entrevistada, Marcele Nunes Cabral, Junho de 2024).

Até o momento, analisamos as experiências das lideranças na formação escolar quanto ao nível de ensino e possibilidades de continuidade na trajetória escolar como aspectos da constituição das lideranças. Mas de agora em diante, percebemos a necessidade de fazer uma relação dessas lideranças com a educação Escolar Quilombola, tendo em vista que seus depoimentos permitem fazer esse tipo de análise, que é importante, considerando o grande arcabouço legal no cenário brasileiro de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER).

O que posso apontar a partir das narrativas das lideranças é que existe um distanciamento das lideranças do ambiente escolar. Pois de forma alguma eles adentram a escola para interferir nas práticas pedagógicas. Isso realmente é uma pena, pois eles teriam muito a ensinar aos mais jovens sobre seus saberes.

As narrativas indicam a necessidade de a escola implementar as Diretrizes Curriculares das Relações Étnico-raciais (10.639/03) para o combate ao racismo e ao preconceito racial. Importante destacar que as lideranças têm plena consciência do papel da escola na formação crítica dos alunos, especialmente no que diz respeito à diferença cultural e à preparação para a vida do trabalho.

#### **4 PEDAGOGIA DECOLONIAL: CONCEPÇÕES, POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS QUILOMBOLAS**

As lideranças exprimem ações políticas e coletivas do/no quilombo. Os depoimentos de Marcele Nunes Cabral (2024) expressam os sentidos do que é ser uma liderança quilombola que, nas suas palavras, se constitui de maneira democrática e participativa.

A política do movimento negro se apresenta, a nosso ver, como uma Pedagogia Decolonial, pois ensina ao sujeito como se tornar uma liderança coletiva e comprometida com as lutas sociais e combate ao racismo. As lideranças são constituídas de saberes que, não raro, lhes possibilitam estranhamentos em relação aos processos de exploração e das condições de vida nas comunidades negras. Sua condição material engrena, de certa forma, o movimento quilombola na luta pela igualdade de oportunidades, define também a identidade do sujeito, pois, é a partir das lutas e decisões e negociações com o poder local que se desenvolve no imaginário social e no próprio pensamento uma autodefinição (compreensão de si) como liderança comunitária.

A narrativa demonstra comprometimento com a comunidade, em tudo que ela pensa, fala e faz há um compromisso com o movimento de trazer melhorias para Vizânia. Observamos que ao realizar conjunturas sobre os cursos de formação de nível superior oferecidos nas instituições de ensino, ele analisa colocando o seu ponto de vista a respeito da serventia desses cursos para a comunidade, pois na sua opinião de liderança, os jovens devem ter uma formação que sirva ao bem viver do coletivo, caso contrário terão de sair e buscar

trabalho distante e isso para ele não faz sentido.

A Pedagogia Decolonial à qual nos referimos neste estudo é uma das armas de enfrentamento ao principal inimigo do movimento negro: o racismo. Sobre “o combate ao racismo”, diz Marcele Nunes Cabral (2024). Ela defende uma comunidade politizada, alerta para a necessidade de se construir espaços públicos de diálogo, buscar intercâmbios, construir saberes e práticas democráticas, emancipar outros sujeitos. Sua concepção política advém do seu aprendizado no movimento social. Nesses termos, uma Pedagogia Decolonial é capaz de instigar o questionamento dos discursos colonizadores do outro historicamente excluído e de contribuir para o renascimento de uma escola quilombola politicamente alinhada aos anseios históricos da população negra quilombola e lutas no presente, com resistência social e afirmação identitária.

Uma liderança quilombola define-se como algo complexo. É um sujeito que se mobiliza e se organiza em torno de ideais de lutas coletivas através da Associação Quilombola, forjando identidades territoriais. Ao enfrentar conflitos, os quilombolas ultrapassam a luta pela terra em sentido físico e de trabalho, superando a lógica da mera produção material da vida, ao combinar a luta pela terra, pelo território, ao modo de vida quilombola. Assim, podemos entender que o vínculo que a liderança da Associação constrói junto aos quilombolas, faz o indivíduo sair da esfera particular e passar a integrar uma esfera pública, o que inspira mobilização e atuação coletiva. Observamos que há uma passagem do indivíduo para o coletivo, isso é o que encaramos como fator de construção subjetiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de vida da comunidade quilombola de Vizânia e sua relação com a educação, tratada como Pedagogia Decolonial, configuram-se como práticas formativas de resistência do movimento quilombola. Essas práticas são desenvolvidas por seus membros a partir da sua interação com instituições e sujeitos externos à sua associação, além dos desdobramentos dos processos de resistência que esses sujeitos desenvolvem nos diversos momentos de aprendizado com as lideranças.

O conceito de liderança apresenta inúmeros significados. Verificou-se que as várias concepções do processo colonial coincidem com as práticas e os saberes locais da comunidade de Vizânia e que sua Associação Quilombola é crucial para o exercício da cidadania e reconhecimento de seus membros como agentes políticos. Analisando o processo de constituição da liderança quilombola, entendemos que estas lideranças são constituídas de bases étnicas, históricas, políticas e educativas, visando uma aproximação com a Educação das Relações Étnico-Raciais. É justamente no contexto social que se inserem as atitudes destes sujeitos, cujos repertórios cultural e político apontam para a concepção de que descendem de povos africanos e que vivenciam as consequências de um processo de diáspora, herdando, conseqüentemente, a condição humana de subalternização colonial.

O importante elemento que balizou nossa reflexão foi o contato com a liderança no âmbito do seu mecanismo político e de mobilização, isto é, a Associação Quilombola, que tem como principal finalidade a representação de seus sócios na busca de manter acesa a esperança por um futuro mais igualitário do ponto de vista social.

A ênfase dada ao povo quilombola tem fundamento no conjunto de ações que faz destes indivíduos militantes que representam uma proposta de sociedade que busca reconhecer e minimizar os impactos que o processo de escravidão, exclusão e opressão negra deixou como herança. Este fato é facilmente apreendido do discurso da liderança, principalmente no que diz respeito ao consenso de que é necessário o reconhecimento de ações que contribuam para o reconhecimento e a reparação por meio de ação afirmativa à população negra, em especial a quilombola.

As significativas falas da liderança quilombola apontam para a necessidade de se valorizar e implementar, de fato e de direito, instrumentos jurídicos e normativos já existentes, que possam contribuir para a valorização dos saberes afro-brasileiros, abrindo as portas das nossas instituições escolares para as comunidades remanescentes de quilombo, apropriando-se dos direitos já conquistados, mas, principalmente, buscando intervir na superação das assimetrias que persistem em distanciar a prática da cidadania. Desse modo, faz-se necessária a participação e emancipação dos sujeitos e seus saberes e culturas, especialmente das novas gerações, na construção e continuidade de sua história de luta e resistência por conquistas de direitos sociais.

## REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

COSTA, Sérgio; WERLE, Denílson Luís. Reconhecer as diferenças: liberais, comunitaristas e as relações raciais no Brasil. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, Jose Maurício. **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 159-178.

CUNHA Júnior, Henrique. **Coleção Educação para Todos: História da Educação do Negro e outras histórias**. Organizado por Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

CUNHA Júnior, Henrique. **Metodologia afrodescendente de pesquisa, (manuscrito) 2006**.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização e pós-desenvolvimento. In LANDER, Edgardo. (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEREIRA, E. A. **Malungos na escola: Questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANTOS, S. A. **Coleção Educação para Todos: Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOUZA, Neuza Santos. Tornar-se Negro. In. **A Psicose: um estudo laciano**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1983.

SVAMPA M. **La sociedadexcluyente: la Argentina bajo el signo del neoliberalismo**. Buenos Aires: Taurus; 2005.